

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

GEORGIA IANKA LOPES PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL KAINGANG A
PARTIR DA REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA: O PROJETO NINHO
DE LÍNGUA NA TERRA INDÍGENA NONOAI (RS)**

Rio de Janeiro

2023

GEORGIA IANKA LOPES PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL KAINGANG A
PARTIR DA REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA: O PROJETO NINHO
DE LÍNGUA NA TERRA INDÍGENA NONOAI (RS)**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção de título de
Licenciada em Letras: Português – Literaturas
de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Antonio
Rezende Maia

Rio de Janeiro

2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

GEORGIA IANKA LOPES PEREIRA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL KAINGANG A PARTIR DA REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA: O PROJETO NINHO DE LÍNGUA NA TERRA INDÍGENA NONOAI (RS)

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Data de avaliação: 20 /07 /2023

Banca Examinadora



NOTA: 10,0

Marcus Antonio Rezende Maia

Professor Titular de Linguística - FL/UFRJ



NOTA: 10,0

Marcia Nascimento

Doutora em Linguística - UFRJ

Comentário do leitor crítico: Gostaria de parabenizar e também agradecer a Georgia pela escolha do tema que é tão atual e relevante para a luta dos povos indígenas pela continuidade de sua existência, pela continuidade da diversidade cultural e linguística. O trabalho está bem construído e claro cumprindo com o objetivo proposto. Ao meu ver, dentro do debate sobre o tema amplo da revitalização de línguas minorizadas, especificamente as línguas indígenas, o referido trabalho retoma o conceito de identidade étnica trazendo a língua como um dos elementos centrais dessa identidade, questão essa que, de forma equivocada, ficou marginalizada quando passou-se a discutir a questão da identidade étnica como direito auto-declaratório no Brasil. Como discutido nessa monografia, o ninho de língua Kaingang através do reestabelecimento da transmissão intergeracional da língua e cultura reconecta de forma direta os membros desse povo aos saberes tradicionais, a cosmologia e ao pensamento ancestral, o que nos leva a ver e a discutir a questão da identidade e a diversidade dos povos e culturas como construção de conhecimento de forma mais profunda e não numa visão simplista de disputa de quem é considerado mais ou menos indígena com mais ou menos direitos, como tem acontecido nos debates Brasil a fora e que influencia negativamente na implementação de políticas públicas em prol das línguas indígenas.

NOTA: 10,0 (dez)

CIP - Catalogação na Publicação

P436c Pereira, Georgia Ianka Lopes
A construção da identidade cultural Kaingang a partir da revitalização linguística: o projeto Ninho de Língua na Terra Indígena Nonoai (RS) / Georgia Ianka Lopes Pereira. -- Rio de Janeiro, 2023.
33 f.

Orientador: Marcus Antonio Rezende Maia.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2023.

1. Revitalização de línguas. 2. Kaingang. 3. Línguas indígenas. 4. Ninho de Língua. 5. Identidade Cultural Indígena. I. Rezende Maia, Marcus Antonio, orient. II. Título.

*Dedico este trabalho aos meus, que vieram
antes de mim e me guiaram até aqui.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me sustentar até aqui, me concedendo sabedoria para escolher cada passo a ser dado. Aos meus pais, pelo apoio, pelo amor incondicional, e por serem os responsáveis por me fazer entender ainda criança sobre língua e identidade, ao compartilharem comigo o dialeto baiano e todos os elementos que constituem sua identidade cultural, e que conseqüentemente, agregaram na minha. Aos familiares e amigos, por compreenderem esse momento tão difícil e ao mesmo tempo, tão prazeroso, e não soltarem a minha mão. Aos indígenas Kaingang, por mesmo indiretamente, fazerem parte desse estudo. Ao meu professor e orientador, Marcus Maia, pela paciência e suporte, não apenas durante a construção deste trabalho, mas também durante os últimos anos da graduação. À leitora crítica, Márcia Nascimento, pelo apoio, e a oportunidade de conhecer mais sobre o projeto Ninho de Língua Kaingang.

Resumo

A identidade cultural indígena é desenvolvida a partir de diversos elementos que se relacionam a um povo indígena, como: seu território, sua história, suas crenças e rituais, sua etnia, e sua língua. Tendo em vista a importância da oralidade e da língua para a identidade cultural do povo Kaingang, e a fim de revitalizar a língua Kaingang, bem como preservar a memória, a qual é a herança desse povo, faz-se necessário a implementação de projetos de revitalização linguística. Nesse sentido, o presente estudo busca identificar e analisar as contribuições do processo de revitalização de línguas indígenas, tendo como base o projeto *Kanhgág vĩ mré ãg jykre pẽ jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang, realizado na Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul, observando as estratégias utilizadas nesse processo de manutenção da língua Kaingang, e relacionando-o à construção da identidade cultural Kaingang. Para isso, realiza-se uma revisão bibliográfica que reúne dados históricos e etnográficos, apresentando uma visão geral sobre a revitalização da língua Kaingang, na Terra Indígena Nonoai/RS. Como resultado, é possível identificar que, um processo de revitalização linguística que considere as especificidades do povo Kaingang, possibilita a construção da identidade cultural desse povo, conforme exemplificado no presente trabalho, com o projeto *Kanhgág vĩ mré ãg jykre pẽ jagfe*, que tem alcançado resultados significativos na instrução de crianças como novos falantes da língua Kaingang.

Palavras-Chaves: Revitalização Linguística; Kaingang; Línguas Indígenas; Ninho de Língua; Identidade Cultural Indígena.

Abstract

The indigenous cultural identity is developed from several elements that are related to indigenous people, such as: their territory, their history, their beliefs and rituals, their ethnicity, and their language. In light of the importance of orality and language for the cultural identity of Kaingang people, and in order to revitalize the Kaingang language, as well as to preserve the the memory, which is the legacy of this people, it is necessary to implement linguistic revitalization projects. In this sense, the current study seeks to identify and analyse the contributions of the indigenous languages revitalization process, based on the project *Kanhgág vĩ mré ěg jykre pẽ jagfe* – Kaingang language and culture Nest, developed in the Nonoai Indigenous Territory/RS, observing the strategies used in this process of Kaingang language maintenance, and relating it to the construction of the Kaingang cultural identity. For this, a bibliographic review that gather historical and ethnographic data is carried out, presenting an overview of the Kaingang language revitalization, in the Nonoai Indigenous Territory, in Rio Grande do Sul. As a result, it is possible to identify that, a linguistic revitalization project that considers the specificities of the Kaingang people, enables the construction of the cultural identity of this people, as exemplified in the present study, with the *Kanhgág vĩ mré ěg jykre pẽ jagfe* project, which has achieved significant results in instructing children as new speakers of the Kaingang language.

Keywords: Linguistic Revitalization; Kaingang Language; Indigenous Languages; Language Nest; Indigenous Cultural Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Mapa das Áreas Kaingang – Aldeia Nonoai	12
Figura 2	-	Critérios para avaliar a vitalidade e o perigo das línguas.....	15
Figura 3	-	Local de implementação do projeto <i>Kanhgág Vĩ Mré Êg Jykre Pẽ Jagfe</i>	24
Figura 4	-	Local de implementação do projeto <i>Kanhgág Vĩ Mré Êg Jykre Pẽ Jagfe</i>	25

LISTA DE SIGLAS

COPINAI	Cooperativa Dos Trabalhadores Rurais Indigenas de Nonoai
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RAPPLIM	Rede de Apoio a Práticas Pedagógicas em Línguas Indígenas e Minorizadas
RS	Rio Grande do Sul
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
TI	Terra Indígena
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i> (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Panorama Kaingang	11
3	Revitalização de Línguas	14
3.1	A Revitalização linguística como fortalecimento da identidade cultural	17
4	A Educação escolar indígena	19
4.1	A Educação escolar Kaingang na TI Nonoai	22
5	A implementação do projeto Ninho de Língua	23
6	Considerações finais	28
	Referências	31

1. Introdução

A linguagem possui um papel de extrema importância na vida dos seres humanos, visto que a utilizamos para organizar nossa vida mental e, posteriormente a comunicação, fator que nos caracteriza como seres sociais. Além disso, a língua nos permite ingressar culturalmente na sociedade em que nascemos, influenciando significativamente nossa maneira única de conceber o mundo e nosso lugar em relação ao mesmo. Dessa forma, é imprescindível compreender a língua, como ferramenta cognitiva e pela relação direta com a identidade de cada povo, bem como objeto político de demarcação de espaço social.

Tendo tais questões em mente, este trabalho busca estudar a importância e as contribuições do processo de revitalização de línguas indígenas, a partir do projeto Ninho de Língua, realizado na Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul, observando como tem se dado tal processo na língua Kaingang, e relacionando-o à construção da identidade cultural Kaingang. Tem como problema de pesquisa: Qual é a importância da revitalização da língua Kaingang para a construção da identidade social do povo Kaingang? Como o projeto *Kanhgág vĩ mré ěg jykre pẽ jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang tem contribuído para a revitalização da língua Kaingang?

Assim, visando responder ao problema de pesquisa, estabeleceu-se o seguinte objetivo: identificar e analisar as contribuições do processo de revitalização de línguas indígenas, tendo como base o projeto *Kanhgág vĩ mré ěg jykre pẽ jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang, realizado na Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul, observando as estratégias utilizadas nesse processo de manutenção da língua Kaingang, relacionando-o à construção da identidade cultural Kaingang.

A metodologia utilizada compreendeu a abordagem qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica que reúne dados históricos e etnográficos, apresentando uma visão geral sobre a revitalização da língua Kaingang, na Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul. O referencial teórico utilizado agrega a área dos estudos de revitalização de línguas indígenas e educação indígena, com estudiosos da área, como: Marcus Maia, Márcia Nascimento, e Wilmar D'Angelis.

Dessa forma, justifica-se a escolha pela temática a partir do entendimento do impacto que a revitalização de uma língua indígena causa em sua comunidade, considerando que a língua é um dos elementos principais da identidade cultural de um povo, bem como nota-se a necessidade de projetos eficazes para combater a interrupção da transmissão linguística

intergeracional, e principalmente, projetos idealizados e praticados por pessoas indígenas para os seus.

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: o tópico 2 apresenta o panorama Kaingang, dissertando brevemente sobre o povo Kaingang, bem como alguns aspectos culturais e identitários; em seguida, no tópico 3, é abordada a temática da revitalização linguística, como essa é feita e a sua importância, tendo como subtópico 3.1, a revitalização linguística como fortalecimento da identidade cultural; no tópico 4, a educação escolar indígena é pensada numa relação histórica e comparativa com a educação indígena, abrindo margem para o subtópico 4.1, focando na educação escolar indígena na Terra Indígena Nonoai; no tópico 5, fala-se sobre o projeto de revitalização da língua Kaingang que tem sido realizado na Aldeia Nonoai, o Ninho de Língua Kaingang; e por fim, no tópico 6, são traçadas as considerações finais.

2. Panorama Kaingang

Os Kaingang são, atualmente, o terceiro povo indígena mais populoso do Brasil, chegando a 45.620 pessoas espalhadas por cerca de 35 Terras Indígenas nas regiões do estado de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, e Santa Catarina, segundo dados do Siasi/Sesai, 2014. Além disso, tem como língua materna a língua Kaingang, que pertence à família linguística Jê, do Tronco Macro Jê, sendo classificada em cinco dialetos, pela linguista Ursula Wiesemann (1971:259-260), que se distribuem em: “(a) São Paulo; (b) Paraná, entre os rios Paranapanema e Iguaçu; (c) Central, entre os rios Iguaçu e Uruguai; (d) Sudoeste, ao sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo (e mais algumas famílias em Votouro); (e) Sudeste, ao sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo.”

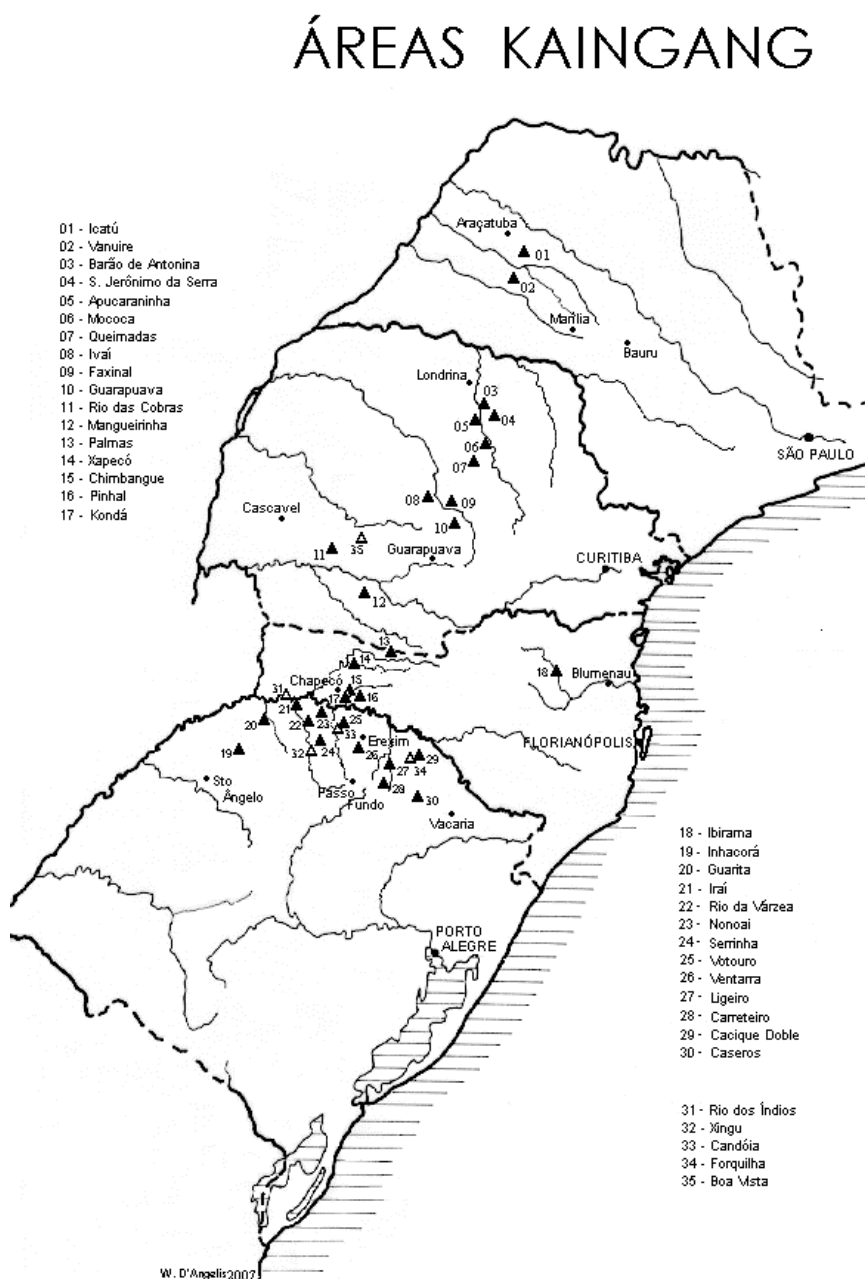
Localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, a reserva Nonoai, abundante em recursos naturais, foi criada em 1848, conforme descreve Catafesta (2013, p. 32):

com a finalidade de garantir o aumento da colonização e transformar a aldeia num centro de reunião de todos os grupos indígenas. A demarcação da área, porém, só foi concluída entre 1911 e 1913, ficando com um total de 34.908 ha, pois havia sido incorporado o Parque Florestal.

Nessa região vivem aproximadamente 2.638 indígenas (IBGE, 2010), sendo esses das etnias Guarani (Mbya e Ñandeva) e Kaingang. Segundo Nascimento (2017, p. 30), “A população Kaingang se encontra distribuída em três aldeias principais: Aldeia Pinhalzinho, Aldeia Bananeiras e Aldeia Sede do Posto. [...] Cada aldeia se divide em vários setores, também

chamados de vilarejos.” A seguir, encontra-se o mapa de áreas Kaingang, em que no nº 23 é indicada a localização da Reserva Nonoai.

Figura 1 – Mapa das Áreas Kaingang – Aldeia Nonoai



Fonte: Portal Kaingang¹

Com base no estilo de vida praticamente nômade que os Kaingang levavam antigamente, e ainda considerando as práticas para sua sobrevivência, que eram realizadas através da caça, colheita e pesca, esses receberam, entre algumas denominações, a de “morador do mato” (*caa*,

¹ Disponível em: < http://www.portalkaingang.org/index_nonoai.htm#>

equivalente a mato, *ingang*, equivalente a morador). Segundo Catafesta (2013, p. 28), ‘‘O grupo indígena kaingang, situado na aldeia Nonoai, foi, no passado, um grupo de índios caadores, coletores, pescadores e pequenos horticultores’’. Outra característica da identidade desse povo seria a forma como se organizam, pois, através do mito das metades exogâmicas *Kam /Kajru* são estruturadas diversas rela es, incluindo um aspecto elementar para os povos Já: a rela o entre ‘nós e o outro’, conforme nos diz Maybury-Lewis (1979b: 231, apud VEIGA, 1994, p. 8): ‘‘*this bipartition of society is part of a world view which insists on a bipartition of the total universe*’’. Dessa forma, o povo Kaingang vai utilizar dois termos para fazer essa bipart o entre rela es de parentesco: *kaitk *, para aqueles que são da sua mesma metade, sendo vinculados pelo sangue; e *iambre*, para os que são da metade oposta, o que eles considerariam como um cunhado, alguém com quem se possa formar uma família. Sendo o indígena pertencente   marca *Kam *, esse   tido como: ‘‘forte, resoluto, persistente, ligado ao sol e pouco criativo’’², enquanto o indígena pertencente   marca *Kajru*   tido como: ‘‘fraco, pouco resoluto, nada persistente, ligado   lua e criativo’’³. Nimuendajú nos conta sobre essa divisão dos Kaingang:

A tradi o dos Kaingang conta que os primeiros desta na o saíram do chão (...) saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome Ka neru e Kam , sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que Ka neru e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, p s pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos, como nas suas resolu es, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kam  e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, p s grandes e vagarosos nos seus movimentos e resolu es. (NIMUENDAJÚ [1913], 1993:58-9, p. apud VEIGA, 1994, p. 59-60)

O povo Kaingang possui caráter patrilinear, ou seja, através da referência da metade clínica e se o do pai, a criança   inserida na mesma metade e se o, recebendo também um nome específico que está atrelado a essas condi es. Dessa forma, a importância da figura paterna para os Kaingang   muito grande e não   aceito mais de um genitor, exatamente por esse fator de organiza o social. Como dito anteriormente, a organiza o social Kaingang, com base no mito das metades   um dos componentes essenciais para esse povo, e o segundo

² SEVERO, D. F. D. . **Poder, política e riqueza kaingang: continuidades e rupturas entre as aldeias grandes e as aldeias pequenas**. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL MIGRA ES E DIREITOS HUMANOS, 2019, Lajeado. Anais de artigos do II Seminário Internacional Migra es e Direitos Humanos. Lajeado-RS: Editora da UNIVATES, 2018. v. 1. p. 145.

³ SEVERO, D. F. D. . **Poder, política e riqueza kaingang: continuidades e rupturas entre as aldeias grandes e as aldeias pequenas**. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL MIGRA ES E DIREITOS HUMANOS, 2019, Lajeado. Anais de artigos do II Seminário Internacional Migra es e Direitos Humanos. Lajeado-RS: Editora da UNIVATES, 2018. v. 1. p. 145.

componente são as celebrações/festas, que marcam momentos específicos na vida dos indígenas, e também manifestações culturais da comunidade.

Ainda pensando nos mitos desse povo, há o mito de origem Kaingang, que pode sofrer algumas variações de acordo com cada aldeia, pois segundo Biazi, A. A. B. P.; Assumpção, J. L. (2020, p. 12): “a memória e a oralidade não são idênticas quando é transmitida para os demais, isso pode ter originado algumas versões que mudam os elementos existentes na história contada na oralidade e na escrita, que foram registradas por etnólogos e historiadores.” Mas, basicamente, o mito diz que, esses teriam saído do chão, acompanhados pela ‘velha’, que seria uma representação da vida, e da fertilidade. Os referidos originários surgiam formando buracos pelo solo, o que explicaria a cor de suas peles terrosas, e em seguida teriam criado os bichos, as plantas e tudo mais ao seu redor. Essa relação complementar entre o indígena Kaingang e a natureza diz muito sobre como a sociedade Kaingang entende e interage com aquela, como se em relação à natureza, os indígenas, os animais, e as plantas, todos fossem uma coisa só. E essa relação se estende quanto ao território, pois esse também é:

o espaço onde habitam os espíritos de seus ancestrais e outros seres sobrenaturais. É onde estão enterrados os seus mortos e onde os vivos pretendem “enterrar os seus umbigos”. [...] território é onde vivem segundo regras estabelecidas socialmente e de acordo com o sistema de codificação simbólica dos elementos naturais e sobrenaturais constitutivos da sociedade Kaingang. (TOMMASINO, K., 2002, p. 83-84 apud BREGALDA, D., 2007, p. 4)

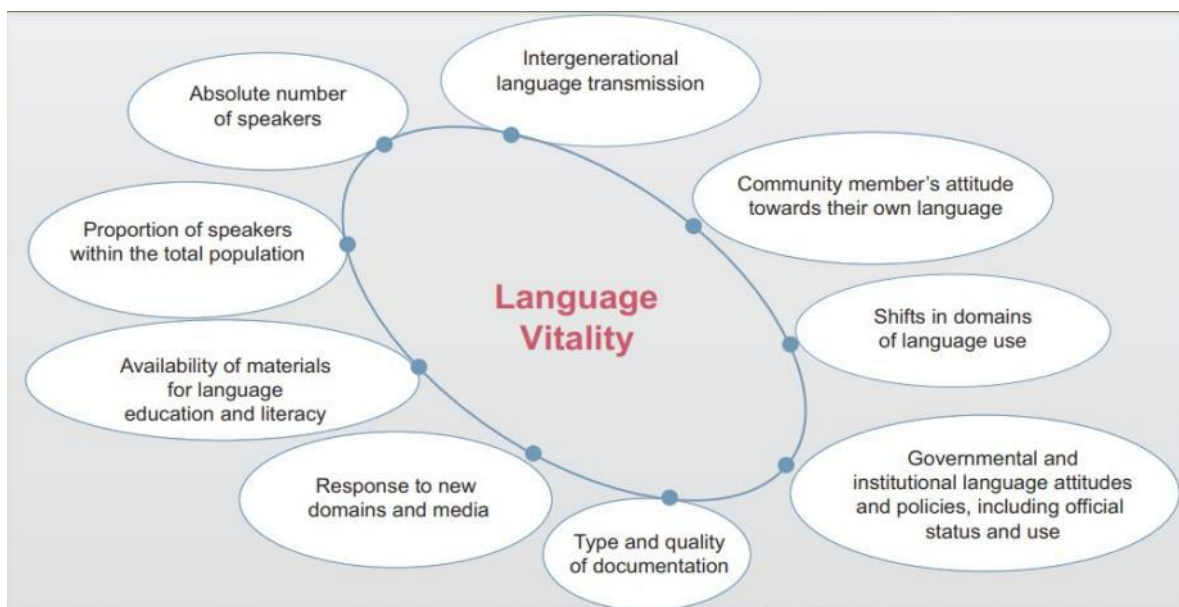
Como pode-se perceber, os elementos citados nesse capítulo fazem parte da construção da identidade Kaingang, bem como a língua é parte essencial para que, nesse caso, por exemplo, os mitos sejam passados via transmissão oral, em sua “íntegra”, fazendo com que as crianças Kaingang aprendam palavras essenciais de sua língua mãe, bem como os conceitos a que essas estão atrelados, e estreitando laços entre a comunidade.

3. Revitalização de línguas

Diversas línguas minorizadas se encontram em situação de risco de desaparecimento em diferentes regiões do mundo, fator que tem gerado mobilização entre os falantes das referidas línguas e os pesquisadores da área. Segundo Maia (2006, p. 64), há uma analogia entre o termo “línguas ameaçadas de extinção” e a questão da perda da diversidade biológica, visto que, apesar dos conceitos não partirem de um mesmo princípio, ambos se encontram em estado crítico, o que torna impossível a reversão no caso das espécies naturais, e torna difícil a reversão no caso das línguas minorizadas.

Desde 1996, uma ferramenta criada pela UNESCO, o *Atlas das línguas do mundo em perigo*, vem sendo utilizada como uma das principais fontes de investigação de vitalidade de uma língua, bem como para analisar o panorama linguístico universal. Segundo DE OLIVEIRA, B.; SAGICA, V.; SEVERO, C. G. (2023, p.3), ‘‘O conceito de línguas em perigo (*endangered languages*) tem sido amplamente utilizado tanto para diagnosticar a situação de línguas minorizadas e/ou minoritárias no mundo, como para propor agendas e políticas públicas voltadas para a sua preservação’’. Nesse mesmo *Atlas*, por exemplo, a língua Kaingang é classificada, quanto aos seis graus de perigo (*safe; vulnerable; definitely endangered; severely endangered; critically endangered; extinct*), a partir dos nove critérios avaliativos (ver figura abaixo), como ‘‘definitivamente ameaçada’’ (*definitely endangered*), mesmo tendo 60% da população Kaingang sendo falantes da língua materna, e isso se dá, pois, a língua Kaingang não é mais utilizada com a mesma frequência e do mesmo modo que era utilizada pelas gerações anteriores, assim, há uma diminuição significativa na transmissão intergeracional. Desse modo, a vitalidade da língua é comprometida, podendo chegar à obsolescência.

Figura 2 - Critérios para avaliar a vitalidade e o perigo das línguas



Fonte: UNESCO (2011)

Segundo D'Angelis (2019, p. 32), uma língua pode ser levada à obsolescência, por exemplo, quando ‘‘passa à interrupção do processo de transmissão intergeracional’’, e ainda, o autor afirma que, nessas condições, a língua é ainda obsolescente, por não ter concluído totalmente o referido processo. Com a interrupção da transmissão intergeracional, a formação de falantes da língua é gravemente comprometida, além disso, aspectos que estão intrinsecamente ligados à identidade cultural desses falantes também são afetados, como por

exemplo, a tradição oral, que permite que as histórias indígenas se mantenham vivas, e proporciona a propagação de conhecimento dos povos.

A língua é sentida pelos povos que a falam como marca de identidade cultural, ou seja, o que os torna únicos aos olhos do outro. Não é incomum encontrar povos que perderam sua língua e que queiram aprender a língua de um outro povo indígena. Nesse sentido, a língua é o símbolo que marca a identidade cultural. Também é a língua que os remete ao seu passado e os projeta no futuro. Muito da história de um povo estará perdida se sua língua desaparecer. O papel da língua, pois, para a definição da cultura e da memória histórica de um povo é primordial. (BRAGGIO, 2002, p. 13)

Muito tem se falado sobre o processo de revitalização de línguas minorizadas, visto que, essas apresentam diferentes graus de baixa vitalidade linguística, e dentre tantos problemas, a diminuição da transmissão intergeracional. Assim, faz-se importante elucidar o que se poderia considerar como processo de revitalização linguística:

[...] parece coerente chamar de ‘revitalização’ quaisquer iniciativas, ações e processos destinados a restabelecer a situação de língua falada por toda a comunidade [...]. ‘Revitalização’, então, tem o mesmo sentido de ‘revigoração’, ou seja, de restabelecimento de uma situação em que a língua era vigorosa, mas partindo de uma língua que ainda é viva, ainda que doente, ou mesmo, quase moribunda. (D’ANGELIS, 2019, p. 46)

Por um bom tempo, linguistas acreditaram que talvez, a melhor forma possível de se revitalizar uma língua em estado de perigo, seria através da documentação dessa, antes que o último falante nativo viesse a falecer. E de fato, a documentação linguística tem evoluído e ocupado um papel de grande importância na revitalização de línguas minorizadas, conforme nos diz Galucio (2021, p. 27):

Documentação é, então, entendida como multiuso e multifuncional, pois visa, em última instância, compilar um registro multiuso/multifuncional representativo e duradouro de uma língua natural ou de uma de suas variedades. A documentação linguística assim compreendida envolve a coleta, o processamento e o arquivamento de dados linguísticos primários. Nesse sentido, é relevante para todas as áreas da linguística e disciplinas afins, inclusive para a revitalização de línguas, pois pode alimentar diversas interfaces entre dados primários e vários tipos de análises e usos com base nesses dados.

Contudo, apesar dessa técnica ser um ótimo meio de conservação da língua, e de extrema importância dentro do processo de revitalização, uma outra forma eficiente de se revitalizar uma língua em situação de risco, considerando que, para povos indígenas como os Kaingang, a escrita, apesar de ter sua importância, sempre será ‘incompleta’, visto que essa não dá conta de esgotar o sentido da oralidade, seria através da instrução de novos falantes no aprendizado da língua materna, participando ativamente das funções da comunidade, juntamente com os anciãos. Dessa forma, o nativo ‘aprendiz’ vai compreender não apenas questões da estrutura da língua e da parte fonética e fonológica, mas também questões que estão intimamente relacionadas à identidade do seu povo, palavras, expressões que só fazem sentido ao se

vivenciar e entender todo o contexto histórico, social, e religioso em que estão inseridas. É importante ressaltar que, para tomar as melhores medidas, e realizar um projeto de revitalização de forma eficiente, é necessário fazer um levantamento detalhado sobre o nível em que a língua se situa, considerando diversos fatores, incluindo alguns que não são contemplados pelos critérios previamente citados.

Sendo assim, o processo de revitalização de uma língua indígena pode contribuir significativamente para a restauração e fortalecimento do processo intergeracional, formando novos falantes da língua, fortalecendo também valores da identidade cultural do sujeito, unindo a comunidade, e muito mais. O referido processo deve considerar uma série de questões que ultrapassam a esfera linguística, e por isso, deve ser realizado de forma organizada e seguindo os critérios aqui dissertados, e sempre considerando o que pensam e querem os falantes daquela língua. Assim como os fatores a serem considerados não se restringem a esfera linguística, os efeitos de uma revitalização de línguas minorizadas ressoam pelos mais diversos campos da vida de um povo, conforme poderá ser analisado mais detalhadamente a seguir.

3.1 Revitalização linguística como fortalecimento da identidade cultural

A identidade cultural diz respeito à concepção identitária de um sujeito em relação ao seu contexto cultural, sendo um processo de construção contínuo e dinâmico, ora individual, ora coletivo. Essa identidade é desenvolvida a partir de diversos elementos que se relacionam a um povo, como o seu território, sua história, suas crenças e rituais, sua língua, sua etnia, entre outros. Esse conceito apesar de estar entrelaçado à questão étnica, não deve ser confundido com essa, visto que, a identidade étnica não depende, necessariamente, de elementos como os que foram citados anteriormente, como por exemplo, um povo indígena que não é falante da língua materna de seu povo ou ainda se essa se encontra em obsolescência, não deixa de ser indígena, apenas sofre uma espécie de impacto em sua identidade cultural. Dessa forma, a identidade étnica está relacionada à origem de um sujeito, sua ancestralidade, uma identidade comum com seu povo. Para analisar aspectos da identidade cultural de um povo, faz-se necessário entender como se pode discutir o conceito de cultura:

Discutir cultura, é sobretudo discutir um processo social concreto; é ver os aspectos relevantes da vida em sociedade, incluindo todos os conhecimentos expressos de uma ou de outra maneira, tendo em vista uma dimensão dinâmica para fazer o resgate das diferenças culturais que existem nas sociedades. (CATAFESTA, 2013, p.39)

A questão da perda parcial ou total linguística, bem como a perda de aspectos culturais para os povos originários, é muito delicada pois, pode gerar conflitos existenciais em indígenas,

por não conseguirem se sentir pertencentes em meio a comunidade indígena e se posicionar em meio aos não-indígenas. Além disso, há o “abandono consciente”, da língua materna, por parte dos indígenas, como uma forma de minimizar o preconceito praticado por não-indígenas, adotando como língua de maior uso, a língua do colonizador, e essa tentativa de camuflagem se estende para outros aspectos além do linguístico, como a adoção de uma nova crença, novos comportamentos, etc. Essas atitudes de ‘fuga’ em relação ao preconceito eram realizadas por indígenas de diferentes faixas etárias, incluindo pais e mães que tomavam essa decisão por seus filhos:

Em entrevistas com lideranças e outros membros das comunidades de Nonoai, obtiveram-se informações de que, há mais ou menos 20 anos muitos casais de outras áreas Kaingang decidiram que seus filhos deveriam ser monolíngues em português devido ao forte preconceito sofrido pela comunidade. Relatam-se mesmo casos em que professores da etnia Kaingang que ensinavam a língua indígena na escola não a transmitiu em casa a seus filhos. A regra era ensinar português para tentar de alguma forma minimizar o preconceito. (NASCIMENTO, Marcia; MAIA, Marcus; Chang, W, 2017, p.8)

Entretanto, essas tentativas são malsucedidas, visto que a relação de poder estabelecida por não-indígenas se sobrepõe às questões previamente elencadas, colocando os indígenas em uma posição de subalternidade, por parte daqueles que praticam tais preconceitos, e esses não cessam. Outro fator que auxilia no processo de perda linguística é o alto fluxo de contato entre indígenas e outros falantes de língua portuguesa, pelos mais variados motivos (religião, comércio, educação, etc). Desse modo, o português começa a ser mais utilizado entre a comunidade, enfraquecendo a vitalidade da língua materna, como ocorreu com os Kaingang, que diante do contato com os colonizadores e suas imposições, se perceberam em uma situação que exigia algumas mudanças, incluindo a adoção da língua portuguesa entre os Kaingang como um meio de convivência com os brancos. Com o passar do tempo, a situação política dos povos Kaingang foi mudando, e esses passaram a enxergar as questões étnicas, culturais e linguísticas de outra maneira, e começaram a buscar formas de reivindicar seus direitos, e entre esses, sua língua materna.

Refletindo sobre a temática da identidade cultural Kaingang, e como a abordagem dessa pode ser benéfica para as crianças Kaingang num ambiente de vivências, Silva (2021, p. 53) disserta que: “O trabalho exaustivo sobre a identidade fortalece a autoestima e construção da autonomia dos alunos, colocando os mesmo [sic] na condição de sujeitos do processo da aprendizagem pelo desejo de querer aprender aquilo que é próprio da nossa cultura e proposto pelo educador.”

Sendo assim, percebe-se a extrema importância da criação de políticas de revitalização da língua Kaingang de forma bem elaborada, contando com o aporte teórico e principalmente, tendo professores indígenas a frente desses projetos. Quanto à importância da presença de professores indígenas na educação indígena, Bergamaschi e Menezes (2017, p. 74) afirmam que:

A formação de professores passa a ser uma demanda importante do movimento indígena organizado, que percebe o desserviço que os cursos de formação de professores convencionais fizeram e poderão ainda continuar fazendo. Um pouco disso já se pode vislumbrar na fala de algumas lideranças, que ficam desconfiados diante de professores formados com parâmetros de instituições não indígenas e, por isso, buscam uma formação diferenciada.

Diante do que foi exposto nesse capítulo, percebe-se que, o fortalecimento da identidade cultural pode ser construído através das políticas de revitalização, estabelecendo uma relação sólida entre questões culturais, sociais e étnicas, despertando nos Kaingang cada vez mais o desejo de preservação e exaltação de sua língua. Essas questões estão diretamente ligadas à educação indígena, pois essa se mostra uma grande aliada da revitalização de línguas indígenas, conforme será visto no próximo tópico.

4. Educação escolar indígena

As primeiras escolas indígenas no Brasil foram criadas pelos jesuítas no século XVI, e somente no século XX, mais precisamente nos anos 70, os primeiros projetos de ensino bilíngue indígena começaram a ser instaurados. Entretanto, faz-se importante analisar os objetivos por trás desses projetos, e a distinção entre educação escolar indígena e educação indígena, e assim será feito ao longo deste capítulo. Antes mesmo da chegada dos jesuítas ao Brasil, as comunidades indígenas seguiam autonomamente seus próprios caminhos na área da educação, transmitindo oralmente os conhecimentos para os mais novos, a fim de exercitar a autonomia desses, e construindo uma sequência de ensinamentos durante toda a vida.

O objetivo maior das primeiras ações dos colonizadores relacionadas aos ensinamentos de leitura e escrita foi o de catequizar os indígenas no cristianismo, o que automaticamente implicava em um abandono de seus costumes, tradições, práticas de transmissão de ensino, fé e língua. Esse doloroso processo de aculturação foi imposto de tal forma que, os indígenas eram intimidados a aceitar essas imposições e caso se posicionassem de forma contrária, seriam gravemente punidos.

Em relação às escolas bilíngues, essas eram organizadas por brancos, e não envolviam os indígenas em nenhuma parte do funcionamento do programa escolar, e ainda, utilizavam a

língua indígena como meramente uma ferramenta de acesso para o uso exclusivo da língua colonizadora, nesse caso, a língua portuguesa. Desse modo, pode-se notar que um ensino bilíngue que não contempla a comunidade indígena como agentes ativos, que não coloca como foco as pautas das línguas minorizadas, que não compreende a escola como “um lugar de luta de classes não apenas como um campo de disputa de ideias, mas também lugar de práticas transformadoras, e [...] como espaço de afirmação das identidades coletivas”⁴, não consegue alcançar as necessidades básicas de um ensino de qualidade para comunidades indígenas, e é meramente de caráter institucional.

De acordo com o artigo 231 da Constituição Federal de 1988 (apud TEDESCO, 2021, p. 10), “os povos indígenas têm direito a uma educação diferenciada, cultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a educação escolar indígena”. Esta é, definitivamente, uma questão muito importante: o programa pedagógico de uma escola indígena não deve ser igual a programas pedagógicos de escolas não-indígenas, bem como outras questões organizacionais da área da educação, que são pensadas para um modelo padrão de escolas para pessoas não-indígenas. O propósito por trás dessa aprendizagem também se difere, visto que, como foi dito anteriormente, “os valores e as necessidades educacionais da sociedade indígena são diferentes”⁵, apesar de ainda hoje, haver em determinados contextos, uma visão de uma necessidade de crianças e adolescentes indígenas seguirem um ritmo e conteúdo de estudos padronizados, para que possam posteriormente ingressar no ensino superior, e tenham possibilidades de emprego na cidade. Mas, essa visão é altamente limitante, e não contempla questões relacionadas a identidade cultural dos povos indígenas, visto que, por exemplo, não necessariamente esses necessitem ou queiram sair de suas aldeias, nem trilhar as mesmas trajetórias da sociedade não-indígena. À vista disso, D’Angelis (2017, p. 82) disserta que, “a educação faz parte das políticas que cada sociedade ou comunidade adota, buscando a sua sobrevivência e a continuidade das coisas que ela valoriza e em que acredita (por exemplo: sua língua, sua música, sua religião, etc)”. Assim, o ensino escolar indígena deve contemplar tais especificidades como base de seu conteúdo programático,

⁴ D’ANGELIS, Wilmar da Rocha. Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2017. p. 16

⁵ D’ANGELIS, Wilmar da Rocha. Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2017. p. 82

a fim de preservar os saberes indígenas, e não apenas inseri-los como uma espécie de adaptação a um currículo pré-existente.

Dito isso, se faz necessário distinguir a educação indígena da educação escolar indígena, visto que, esses dois conceitos, apesar de suscetíveis a serem confundidos, apresentam aspectos e objetivos diferentes, conforme nos diz Luciano (2006, p. 129):

[...] a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores. A educação escolar indígena refere-se à escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global.

Percebe-se que, não se trata de um formato ser melhor que o outro, e sim, ser analisado, juntamente à comunidade, qual o modelo mais viável e que trará os resultados que a comunidade espera. A educação escolar indígena no Brasil tem gerado alguns resultados positivos apesar de ainda carecer de muitos ajustes e mudanças, mas uma educação escolarizada não dá conta de muitas questões linguísticas como foi analisado aqui, principalmente no contexto dos Kaingang, conforme será dissertado no próximo subtópico.

Pensando ainda na preservação dos saberes indígenas, pode-se conectá-la a preservação e revitalização das línguas indígenas, considerando a importância da oralidade na transmissão de conhecimentos:

Nas sociedades de tradição oral, as histórias estão sempre a uma geração de serem extintas, sempre na iminência de acabarem junto à geração que detém a lembrança dessas histórias, por isso prezam os velhos e suas memórias. Por viverem a ameaça de extinção, os saberes transmitidos pela oralidade adquirem uma perspectiva agônica, que faz a tradição e a memória serem acionadas com veemência. “Os velhos são as nossas bibliotecas”, repetem os professores indígenas quando discutem a escola indígena e os conhecimentos que devem também perpassar seus currículos. (BERGAMASCHI, M. A.; MEDEIROS, J. S., 2010, p.65)

Assim, ao se preservar uma língua, deixando-a viva através de novas gerações, pode-se manter vivas também as memórias daquele povo, suas tradições, seus cantos, rituais, e tudo mais que constitui sua identidade cultural. A partir da revitalização linguística também é possível fortalecer as relações interpessoais na comunidade, e criar indígenas mais seguros de seu lugar no mundo.

4.1 A Educação escolar Kaingang na TI Nonoai

No que diz respeito às escolas indígenas Kaingang, de esfera estadual e municipal, ainda se encontram muitas falhas no âmbito da articulação dos saberes tradicionais Kaingang e dos saberes acadêmicos. Na aldeia Nonoai, no Rio Grande do Sul, a história não é diferente, segundo Mello (2019, p. 5): “o ensino não é abordado a partir dos conhecimentos que vem de casa, da comunidade, da tradição, mas ministra um conhecimento escolarizado, considerando-o como a única forma de produzir conhecimento”. É importante ressaltar a relevância de um modo de ensinar em que se integrem os dois saberes anteriormente citados, para pessoas indígenas, e em específico para os Kaingang, pois para esses há uma relação direta entre a tradição, as práticas cotidianas com a comunidade, e a reafirmação identitária, o reconhecimento de um indígena como parte do seu povo. A pedagogia Kaingang é pautada nos princípios que tem como base as metades clânicas, dessa forma, a natureza, a reciprocidade entre as duas metades, entre outros aspectos, são fundamentais no processo de ensino e aprendizado Kaingang.

Na reserva Nonoai, há seis escolas estaduais e uma municipal, totalizando assim, sete escolas, e dessas, seis ofertam a educação infantil. Para uma boa parte dos anciãos das comunidades Kaingang, na primeira infância, as crianças devem aprender os saberes tradicionais, e vivenciar experiências no ambiente que os *Kujás* (sábios/líderes espirituais) acreditam ser o melhor para cumprir tal função: a aldeia, sem frequentarem uma escola. Esse ambiente da aldeia proporciona às crianças um aprendizado que a educação escolar indígena não consegue alcançar, e dessa forma, na aldeia, as crianças desenvolvem diversas habilidades de forma lúdica, realizando atividades como:

[...] coleta de matéria prima; contagem; tempo da coleta; confecção do artesanato; vivência com os mais velhos; brincadeiras com crianças mais velhas; brincadeiras sem tempos marcados; autonomia das crianças; cuidados dos mais velhos com seus irmãos; convívio com o coletivo; espaço de oralidade; espaço doméstico/feminino e seus papéis de aconselhamento e posicionamento crítico e político (Associação de Mulheres); papel da mãe/mulher na educação e nas práticas com os filhos/as crianças; os vários papéis desempenhados pelas mulheres nas várias atividades deste espaço doméstico (colheita, afazeres da casa, confecção e venda do artesanato,...); etc. A criança aprende observando. As experiências na comunidade, na família (BAPTISTA DA SILVA, 2013, p. 232 apud MELLO, 2019, p.30)

A educação escolar indígena infantil Kaingang segue, majoritariamente, o modelo previamente citado neste estudo, em que se adaptam materiais e planejamentos a partir de modelos de educação não-indígena, não considerando o contexto cultural e étnico daquelas crianças, nem o potencial que as crianças possuem em desenvolver suas habilidades a partir de atividades que as aproximam do contexto real em que vivem.

A pré-escola ocupa uma posição periférica na educação escolar indígena, marcada pela falta de financiamento para construir uma estrutura física adequada, inexistência de formação continuada para os professores. Muitas outras coisas necessitam para uma educação de qualidade, mas enquanto isso, como ficam as crianças? Elas não podem esperar, se for para tirar da educação e dos modos de ensinar do povo, precisa ofertar uma educação escolar que proporcione seu desenvolvimento e também que cumpra a Lei. (MELLO, 2019, p. 62-63)

As práticas de transmissão do conhecimento tradicional precisaram sofrer algumas alterações ao longo do tempo, visto que mudanças bruscas aconteceram e acontecem em vários aspectos do modo de viver dos Kaingang. As lutas territoriais, o desmatamento, o contato intenso com os brancos, a introdução de novas tecnologias, a educação escolar muitas vezes elaborada para objetivos dos não-indígenas, tudo isso e mais um pouco afetam toda a estrutura do cotidiano dos Kaingang. Um exemplo disso é o relato do professor Pedro Kresó, da Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê, da Terra Indígena Chapecó:

Tem animais que, por exemplo, a gente já não tem mais, estão em extinção, por causa das devastações. E tem animais que a gente já não conhece mais. Então, por exemplo, o serelepe, a gente já não conhece mais, o tatu, que é um animalzinho de caça. está escasso, o tigre. Segundo a gente sabe, tem uns matos aí que têm alguma coisa, mas o que eu quero dizer é que para a juventude ter esse contato direto, visualizando assim todos esses animais, fica muito distante, né? Devido à poluição e desmatamento do passado, né? Então, se ver bem, tem bastante animal que não se vê mais, né? E são animais importantes na própria cultura, na própria história, né? E que agora mesmo você não visualiza mais, por falta de mata, né? Alguns animaizinhos sempre tem, mais são poucos.” (KRESÓ, 2013 apud NÖTZOLD, 2015, p. 29-30).

Diante da análise realizada nesse capítulo, nota-se que a educação escolar Kaingang, e em especial, a educação escolar infantil Kaingang, necessita de mudanças, compreendendo a base da sociedade Kaingang, implementando práticas educacionais que potencializem as vivências na fase pré-escolar desses indígenas, dando autonomia a essas crianças, promovendo a liberdade e seu direito de ser criança. Sabe-se que, para isso, é necessário também a presença e a participação ativa de um profissional da educação que seja indígena, pois esse pode, segundo D’Angelis (2017, p. 138): “ser o agente educador numa situação de conflito e mudança, comprometido com a defesa dos valores, da história e da cultura milenar do seu povo [...]”

5. A implementação do projeto Ninho de Língua

No decorrer das décadas de 70 e 80, as tribos Māori, da Nova Zelândia, motivadas pela preocupação em relação à vitalidade de sua língua e valorização cultural, deram início ao projeto *Kohanga Reo* (ninho de língua), um programa de educação infantil que tem como objetivos: revitalizar a língua Māori, preservar a sua cultura, bem como o aspecto espiritual, a partir de um método de imersão total, que tem como base a transmissão intergeracional. Num

momento tão crucial, o surgimento do movimento ninho de língua Māori vem para tentar combater o estado crítico em que a língua se encontrava, visando a sobrevivência dessa.

Segundo Maia, M., Nascimento, M., & Whan, C. (2018, p. 97), foi desenvolvido o *Te Whariki*, um currículo de educação infantil, com base em quatro princípios:

- (i) *whakamana*, empoderamento das crianças para aprender e crescer, (ii) *kotahitanga*, desenvolvimento holístico, (iii) *whanau tangata*, família e comunidade são parte integral do currículo, e (iv) *nga hononga*, a aprendizagem é produto das relações entre as crianças e pessoas, lugares e coisas.

Motivado pelos ninhos de língua Māori, os *Kohanga Reo*, criados na Nova Zelândia, surge em 2016, o projeto *Kanhgág vī mré ěg jykre pē jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang, gerado na Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul, mais especificamente, na Aldeia Bananeiras. O local em que as vivências são realizadas foi concedido pela COPINAI, que também se responsabilizou pelo financiamento dos gastos mensais básicos para manter o projeto funcionando. Também foi realizada uma reforma nesse espaço e construída uma sala anexada a esse, contando com a ajuda financeira da Embaixada da Nova Zelândia.

Figura 2 - Local de implementação do projeto *Kanhgág vī mré ěg jykre pē jagfe*



Fonte: Canal RAPPLIM no Youtube⁶

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=csP8XxwAIH8&t=1161s>>

Figura 3: Local de implementação do projeto *Kanhgág vî mré ãg jykre pẽ jagfe*



Fonte: Canal RAPPLIM no Youtube

O referido projeto tem seu estabelecimento de forma efetiva dois anos após seu surgimento, se tornando, assim, em 2018, o ‘primeiro ninho de língua e cultura Kaingang como projeto piloto de transmissão intergeracional de língua no Brasil’⁷. Durante o momento prévio à implementação do projeto, a pesquisadora Kaingang Márcia Nascimento analisou semelhanças entre o projeto Māori e características culturais e da educação tradicional Kaingang. Quanto à implementação do projeto, essa se dividiu em três momentos principais:

No primeiro, realizamos o movimento de engajamento da comunidade para a criação efetiva do *Kanhgág vî jagfe*, desde o espaço físico, criação do grupo de crianças, grupo de guias/anciãs e apoiadores. O segundo momento se deu com a realização das vivências no *Kanhgág vî jagfe* e, concomitante a isso, o terceiro momento foi o processo de elaboração do currículo. Entende-se por vivência todo o tempo em que as crianças estão presentes no âmbito do *Kanhgág vî jagfe*, que compreende não apenas o espaço físico, mas também o âmbito cultural cosmológico. (NASCIMENTO, 2020, p. 5)

Com o objetivo de revitalizar a língua Kaingang, o projeto *Kanhgág vî mré ãg jykre pẽ jagfe* tem uma metodologia de imersão total dentro de uma abordagem comunicativa, e tem como uma espécie de figura central as *kofa* (avós), sendo essas falantes nativas responsáveis por estimular a convivência e de certa forma, guiar as crianças no aprendizado da língua. Esse aprendizado é feito com base nos saberes tradicionais Kaingang, sempre inserindo a rotina da

⁷ NASCIMENTO, Márcia. *Kanhgág Vî Mré ãg Jykre Pẽ Jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang. Cadernos de Linguística, v. 1, n. 3, 2020, p. 4

comunidade no ninho de língua, trazendo atividades usuais para o espaço de experiências, praticando a todo o momento a língua Kaingang. As crianças Kaingang que frequentam o ninho estão na fase pré-escolar, sendo algumas dessas falantes da língua e outras não-falantes (tendo como primeira língua, a língua portuguesa). As crianças que já falam a língua Kaingang, são também parte essencial para o projeto, visto que elas costumam conduzir as brincadeiras, incentivando as demais a participarem, e conseqüentemente, a falarem em Kaingang. Através do currículo organizado pela professora e pesquisadora Kaingang Marcia Nascimento, e demais colaboradores, são realizadas práticas culturais e identitárias como a nomeação de crianças na língua Kaingang, por parte das anciãs, banho com ervas típicas da região para fins medicinais, pinturas corporais para fins de aprendizado sobre as metades clânicas, e contação de histórias. A imitação é um ótimo mecanismo de aprendizagem, pois através do ato de observar/ouvir, as crianças reproduzem o que foi aprendido, como por exemplo, as crianças no ninho, ainda que em seu tempo de brincadeiras livres, escutam os adultos conversando em Kaingang, e aos poucos, reproduzem esse comportamento.

No que diz respeito ao currículo desenvolvido para o ninho de língua Kaingang, esse segue em construção e constante revisão, e Nascimento (2020, p. 6) relata que além dos saberes tradicionais, aquele “está pautado em bases teóricas e metodológicas sobre ensino e aquisição de línguas, focando especialmente nos modelos de Revitalização Linguística que trabalham diretamente com a transmissão intergeracional da língua”, essa questão vai ao encontro de um dos pontos que foi defendido no capítulo anterior, sobre a integração de saberes pertinentes à própria comunidade com saberes da área da educação. Isso pode ser visto, por exemplo, no aprendizado sobre as metades clânicas no ninho, pois dessa forma, as crianças aprendem sobre as relações interpessoais e tratamentos para com os outros, como por exemplo, sobre o papel fundamental dos irmãos de seu pai e as irmãs de sua mãe, que desempenham os papéis, respectivamente, de pais e mães da criança, sendo igualmente responsáveis por todas as etapas de criação da criança, garantindo que essa seja instruída segundo a cultura Kaingang. Um aspecto muito importante na organização curricular do referido projeto é pensar a educação infantil indígena de forma desprendida dos padrões pré-estabelecidos do que seria uma educação infantil indígena ajustada a partir de modelos de ensino de escolas não-indígenas, ou ainda de escolas indígenas já existentes nas comunidades, mas que seguem esse modelo previamente citado, ou seja, no projeto *Kanhgág Vĩ Mré Ēg Jykre Pẽ Jagfe*, se reflete sobre uma educação ‘com’ e ‘para’ as crianças Kaingang, não uma educação adaptada para as crianças indígenas.

Ponderando sobre que foi dito no parágrafo anterior, sobre o desenvolvimento de uma espécie de educação infantil diferenciada, é interessante notar que, no projeto de ninho de língua Kaingang, há uma preocupação com a forma com que os saberes serão transmitidos, e não apenas com o conteúdo desses saberes, e há também o cuidado com o ambiente em que as crianças terão essas vivências, sendo esse ambiente confortável, com materiais naturais que possam ser encontrados na aldeia e que já sejam, de certa forma, familiares para as crianças, bem como um espaço aberto para as interações com a natureza. Sendo assim, a participação das crianças nas atividades deve promover um sentimento de diversão, sensorial, de pertencimento, de conforto, além de promover um entendimento de que não há uma obrigatoriedade naquilo, e sempre trabalhando com a ludicidade, que é fundamental na construção do aprendizado Kaingang.

No ninho *Kanhgág vî jagfe*, as atividades totalizam a duração de 4 horas e 30 minutos, iniciando por volta das 13:30 e finalizando às 17:00, sendo realizadas uma vez por semana. Conta-se com a presença das *kofa*, das crianças e todo o trabalho é feito de forma voluntária. Apesar do ninho ser um projeto voltado para crianças, o envolvimento de toda a comunidade é indispensável para obter êxito nesse propósito, visto que, esses estímulos realizados na vivência do ninho precisam ser cultivados fora do desse ambiente e desse momento, bem como há a necessidade de promoção da identidade cultural por meio das práticas sociais, religiosas, e linguísticas, utilizando paralelamente a língua Kaingang com as crianças, para que essas se sintam pertencentes a seu povo e pratiquem a língua materna.

Dentre os desafios enfrentados no ninho, a pesquisadora Kaingang Márcia Nascimento aponta: a necessidade de uma equipe de pessoas que estejam alinhadas com o desejo de preservar os saberes tradicionais Kaingang e revitalizar a língua; a necessidade de obter mais recursos físicos a fim de ofertar melhores condições para as crianças; a elaboração de materiais didáticos que conversem com o que as pautas que o projeto propõe.

Desse modo, o projeto *Kanhgág vî mré êg jykre pẽ jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang, ilustra um modelo que se aproxima do que se espera de um ensino indígena infantil de qualidade. Um ensino infantil que incentive a autonomia das crianças, que as guia nos valores e saberes tradicionais Kaingang, que inclua a comunidade e as impulse para frente, para avançar em seus objetivos coletivos, e na luta por seus direitos. Não se trata de um projeto perfeito, e sim de um projeto real, que precisou e precisa de muita pesquisa, feito através de muito trabalho, por pessoas que realmente acreditam na importância da língua para a sua

comunidade, e que se compromete a pensar, testar, e aperfeiçoar a pedagogia Kaingang, com o propósito de revitalizar a língua Kaingang.

6. Considerações finais

Sendo a língua um elemento tão importante para a organização do pensamento e para a comunicação entre os sujeitos, e ainda, de igual importância para a identidade cultural desses, é preocupante se deparar com a atual situação de muitas línguas minorizadas, em especial, as línguas indígenas brasileiras. Muitos são os fatores que influenciam direta e indiretamente na vitalidade de uma língua, e a partir da realização de avaliações linguísticas, e de outras áreas pertinentes de estudo, algumas ações podem ser realizadas em relação a isso.

Os povos indígenas do Brasil são múltiplos e distintos entre si, com suas culturas, línguas, saberes e histórias, e sofrem todo tipo de opressão, entre elas, as de ordem política e social. Dessa forma, tendo sua identidade étnica, cultural e linguística ameaçada, os povos indígenas têm se posicionado em busca de reverter esse quadro, e com referência à questão linguística, têm buscado soluções juntamente a estudiosos da área, a fim de manter suas línguas vivas e fortes, o que pode refletir diretamente na força de suas identidades culturais.

No decorrer deste estudo observou-se que a revitalização da língua Kaingang tem grande importância para a construção da identidade social do povo Kaingang, visto que, através daquela, torna-se possível retomar saberes tradicionais que possuem relação direta com a oralidade, bem como através do ensino da língua materna para crianças, pode fortalecer o processo de transmissão intergeracional, e ressoar seu impacto em outros campos além da linguística. Através do projeto *Kanhgág vĩ mré ãg jykre pẽ jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang, muitas contribuições têm sido realizadas para a revitalização da língua Kaingang, sendo assim, já é possível ver bons resultados como por exemplo: o aprendizado da língua pelas crianças Kaingang, que tem se efetivado de forma significativa; a constituição de um repositório audiovisual particular do ninho; e o envolvimento da comunidade, estimulando essa a ter interesse pela língua e cultura Kaingang.

Conforme analisado, percebe-se que, a língua Kaingang, se encontra em um estado de ameaça no que tange a sua vitalidade, e carece de planejamentos eficazes que busquem revitalizá-la, agindo de forma comunitária, e envolvendo os indígenas em todas as partes do processo. Dessa forma, a educação indígena é uma das principais aliadas no processo de revitalização, pois a partir daquela, torna-se possível instruir novos falantes na língua, e propagar os saberes tradicionais Kaingang de forma eficaz, utilizando a língua mãe, e ainda,

tudo esse processo pode ser realizado dentro da aldeia, no meio da comunidade, através de vivências e com o auxílio de anciãos, professores e profissionais indígenas. Tais práticas têm sido realizadas, conforme dito anteriormente, na aldeia Nonoai, no Rio Grande do Sul, a partir de um projeto voltado para crianças na fase pré-escolar. Esse projeto, inspirado pelos ninhos de língua Māori, os *Kohanga Reo*, da Nova Zelândia, mostram-se um ótimo meio de se revitalizar a língua Kaingang, dirigido por profissionais indígenas, que tem o cuidado, a sensibilidade, e a seriedade de pensar e aplicar através de uma abordagem comunicativa, os saberes tradicionais Kaingang, fugindo dos modelos enrijecidos da educação escolar infantil indígena baseada em modelos educacionais não-indígenas.

Nota-se que, outro fator a ser considerado, é a questão da capacitação de professores indígenas, visto que, a presença do professor indígena nesse contexto pode fortalecer a identidade e os saberes tradicionais de determinado povo indígena, bem como estimular a valorização da língua materna, e construir um aprendizado completo junto aos alunos. Além disso, o envolvimento da comunidade é indispensável para um ensino eficaz, e que considere as necessidades particulares de cada povo.

A temática deste trabalho confirmou-se, durante a realização desse, de grande relevância dentro da área de revitalização linguística, pois reúne diversos aspectos que permeiam a revitalização da língua Kaingang, pois, conforme discutido, é praticamente impossível desassociar língua e identidade cultural, principalmente quando se fala em identidade cultural Kaingang, devido à importância da oralidade no contexto social desse povo. E ainda, analisa-se um projeto atual e de extrema importância para toda a comunidade Kaingang, não apenas da reserva Nonoai, em que as vivências do ninho estão sendo realizadas, mas para as demais comunidades Kaingang espalhadas pelo Brasil, visto que, o referido projeto pode servir de exemplo para a implementação de novos ninhos de língua, e agregar para estudos da área. Sendo assim, as hipóteses levantadas no início desse estudo foram confirmadas durante toda a dissertação, sendo asseguradas por dados bibliográficos e análises sob esses.

Este estudo procurou fazer uma discussão prévia sobre a importância e contribuições do processo de revitalização de línguas indígenas, tendo como base o projeto *Kanhgág vĩ mré ãg jykre pẽ jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang, realizado na Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul, observando as estratégias utilizadas nesse processo de manutenção da língua Kaingang, relacionando-o à construção da identidade cultural Kaingang. Desse modo, a

metodologia utilizada foi satisfatória para o desenvolvimento do estudo, bem como o repertório teórico utilizado.

Referências

BERGAMASCHI, M. A.; MEDEIROS, J. S. . **História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang**. Revista Brasileira de História, v. 30, n. 60, p. 55–75, 2010.

BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, M. M. . **Ações Interculturais na Formação de Professores Indígenas Kaingang e Guarani - Um caminho de volta para casa**. CUADERNOS DEL INSTITUTO NACIONAL DE ANTROPOLOGÍA Y PENSAMIENTO LATINOAMERICANO, v. 26 (2), p. 69-85, 2017.

BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha de; ASSUMPCAO, Jéssica Lícia da. **Os mitos de origem do povo Guarani e Kaingang na educação escolar indígena**. In: XIII Encontro Estadual de História: 'História e mídias: narrativas em disputas', 2020, Pernambuco. Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História: "História e mídias: narrativas em disputas". São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020, v. 1.

BREGALDA, D. **Construindo corpos e pessoas kaingang: Os Kuja nas Bacias dos Sinos e Guaíba**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.74, 2007.

CATAFESTA, S. S. **O povo Kaingang: arte e cultura**; Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, p. 88. 2013.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil**. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2017. 256p.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Revitalização de línguas indígenas: o que é? como fazemos**. 1a. ed. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2019. v. 1. 208p.

DE OLIVEIRA, B.; SAGICA, V.; SEVERO, C. G. **DOS SENTIDOS DE VITALIDADE: REVISANDO O ATLAS DAS LÍNGUAS EM PE-RIGO (UNESCO) À LUZ DE EXPERIÊNCIAS INDÍGENAS LOCAIS**. [S.l.:s.n.]. 2023. Disponível em: <psyarxiv.com/nwpdv>.

GALUCIO, Ana Vilacy. **DOCUMENTAÇÃO E REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL, NECESSÁRIA E DESEJÁVEL**. In: Patrícia Goulart

Tondineli. (Org.). (RE)VITALIZAR línguas minorizadas e/ou ameaçadas: teorias, metodologias, pesquisas e experiências. 1ed. Porto Velho: Edufro, 2021, v. 1, p. 20-43.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MAIA, M. A. R. . **A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação intercultural bilíngüe**. Tellus (Campo Grande), v. 11, p. 61-76, 2006.

MAIA, M., NASCIMENTO, M., & WHAN, C. **O programa de ninho de língua mãori: vozes da revitalização linguística e cultural, em português**. Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL), 4(1), p. 96–116, 2018. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9919>.

MELLO, J. L. . **A Escola indígena Kaingang e os desafios da Educação Infantil: um estudo da aldeia Pinhalzinho, Terra indígena Nonoai**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 75, 2019.

NASCIMENTO, Diana. **A resiliência do sistema agrícola tradicional Kaingang frente ao avanço do agronegócio: o caso da Terra Indígena Nonoai – RS**. Dissertação - UnB. Brasília, DF, 100 p. 2017.

NASCIMENTO, Márcia (2020). **Kanhgág Vĩ Mré Êg Jykre Pê Jagfe - Ninho de língua e cultura kaingang**. Cadernos de Linguística, v. 1, n. 3, p. 01-17.

NASCIMENTO, Márcia; MAIA, Marcus; Chang, W. **Kanhgág V Jagfe - ninho de língua e cultura Kaingang na terra indígena Nonoai (RS) — Uma proposta de diálogo intercultural com o Povo Maori da Nova Zelândia**. Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 13, p. 367-383, 2017.

NÖTZOLD, A. L. V. **Percepções dos usos de produções didáticas em uma escola Kaingang**. Revista Pedagógica (Unochapecó. Online), v. 17, p. 21-32, 2015.

SEVERO, Diego Fernandes Dias. **Poder, política e riqueza kaingang: continuidades e rupturas entre as aldeias grandes e as aldeias pequenas**. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS, 2019, Lajeado. Anais de

artigos do II Seminário Internacional Migrações e Direitos Humanos. Lajeado-RS: Editora da UNIVATES, 2018. v. 1. p. 144-151.

SILVA, Julio Pedroso da. **O diálogo entre saberes tradicionais e saberes escolares: um estudo sobre os desafios para a valorização da cultura do povo Kanhgág de Nonoi/RS.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, p. 89. 2021

TEDESCO, V. **Escola do Campo: sala de aula como prática da preservação da língua Kaingang.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza) - Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, Rio Grande do Sul, p. 41. 2021.

VEIGA, J. **Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional.** Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas. 282p. 1994.

Wiesemann, U. **Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng.** Brasília: SIL/FUNAI, 1971, pp. 259-260.